

A Literatura de Cordel como um recurso pedagógico em sala de aula



A simplicidade é uma marca forte da Literatura de Cordel: os relatos sobre eventos históricos, artísticos e folclóricos ganham destaque em versos destituídos de formalidade, para alcançar uma linguagem apropriada de interação com o povo sobre assuntos importantes e diversos. A expressividade e emoção com que os cordelistas apresentam suas rimas encantam a todos e faz desse gênero literário um dos mais queridos e respeitados em solo brasileiro. Para incentivar a leitura e estimular o interesse pela cultura, muitas escolas adotam a Literatura de Cordel como um recurso pedagógico em sala de aula, promovendo a participação dos alunos e o desenvolvimento criativo das produções de texto (páginas 2 e 3).

Inteligência artificial: riscos e benefícios em salas de aula

Antes das máquinas generativas, já existiam cópias prontas da internet, resumos vendidos em bancas de jornal (nem existe mais Bancas de Jornal...), apostilas que prometiam atalhos milagrosos... isso sem falar no abismo de desigualdades estruturais que sempre definiram quem tinha/tem ou não acesso a materiais de qualidade. O que muda (isso sim! Muda mesmo!) é a escala e a velocidade: a IA faz tudo isso com um clique, exigindo de nós, humanos, uma resposta mais ágil, mais crítica, mais consciente e mais...Urgente! (*Elisa Lemme*, página 6).

Nova Diretoria da APLAC promove o 40º Sarau LABUTA com Solenidade de Posse de Novos Acadêmicos

Na noite daquele 23 de abril do ano em curso, dezenas de convidadas/os dirigiram-se ao auditório da Coordenação Regional de Ensino de Planaltina para prestigiar o 40º Sarau LABUTA (com Solenidade de Posse de Novos Acadêmicos), produzido, organizado e promovido pela APLAC (Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências) e celebrarem conosco a força da palavra, da música e das expressões artísticas e culturais da nossa cidade; e lá chegando, foram recepcionadas/os, logo no hall de entrada da Regional de Ensino, com uma belíssima Exposição Artística de Severina Gonçalves (homenagem póstuma) e, já no interior do auditório, com a maravilhosa música do clarinetista mestredarmense Otaviano Guimarães, cujo repertório conduzia a plateia a uma saudosa viagem pelo tempo, tempo este em que as músicas eram de excelente qualidade (página 8).

ARTIGOS

Editorial

Estimados leitores,

Enquanto os brasileiros se mobilizam e se reúnem nas suas casas, nos bares ou nas ruas para assistirem aos jogos do Brasil durante a Campeonato Mundial de Futebol da FIFA e os políticos se organizam e buscam a melhor estratégia para ludibriarem os eleitores – utilizando-se de falácias, *Fake News* e outras tramoias – durante a Campanha Eleitoral de 2026, nós do RIMA-DF (informativo da APLAC) nos preocupamos em levar a vocês informações e conhecimentos que certamente trarão entretenimentos e deleite àqueles que demonstram interesse pelas Artes, pela Ciência e, principalmente, pelas Letras. E aqui, nesta edição que ora trazemos a lume, serão encontrados textos dos mais variados temas, os quais dizem respeito à própria APLAC, à Língua Portuguesa, à Literatura, às Artes, à Cultura, à Educação e à utilização indiscriminada da Inteligência Artificial.

Como se pode ver, mesmo "aos trancos e barrancos" a Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências (APLAC) mantém-se firme no seu propósito inicial – firmado quando da publicação do primeiro número do Planaltina em Letras (hoje RIMA-DF) –, que foi criar e colocar em circulação gratuita um veículo de informação que tenha como foco principal a difusão da Cultura e das mais diversas manifestações artísticas e literárias da nossa cidade e regiões circunvizinhas, como bem frisamos nalgumas edições anteriores deste informativo.

E para finalizar, cabe aqui um alerta, já que no início deste texto mencionamos a Campanha Eleitoral de 2026: em vez de ficarem questionando a lisura das urnas eletrônicas ou o caráter duvidoso desse ou daquele candidato, questionem o compromisso, a ética, a moralidade e a honestidade daqueles a quem pretendem depositar seus votos!

Desejamos uma boa leitura e até a nossa próxima edição...

A Literatura de Cordel como um recurso pedagógico em sala de aula



A simplicidade é uma marca forte da Literatura de Cordel: os relatos sobre eventos históricos, artísticos e folclóricos ganham destaque em versos destituídos de formalidade, para alcançar uma linguagem apropriada de interação com o povo sobre assuntos importantes e diversos. A expressividade e emoção com que os cordelistas apresentam suas rimas encantam a todos e faz desse gênero literário um dos mais queridos e respeitados em solo brasileiro. Para incentivar a leitura e estimular o interesse pela cultura, muitas escolas adotam a Literatura de Cordel como um recurso pedagógico em sala de aula, promovendo a participação dos alunos e o desenvolvimento criativo das produções de texto. Neste artigo, vamos conhecer detalhes sobre a Literatura de Cordel, além dos autores que se inspiraram no gênero para apresentar sua arte e todos os benefícios à formação socioemocional do aluno!

A origem da literatura de cordel:

No ápice do Renascimento, em pleno século XVI, quando a arte clássica – grega e romana – se reinventou para apresentar um novo contexto de expressão e reprodução dos relatos orais dos trovadores, surgiram os primeiros passos para a popularização dos versos, desenhados sobre o papel ou superfície plana. A literatura impressa em folhetos ou panfletos ganhou toda a Europa, sendo Portugal o responsável por introduzir no Brasil, desde o início da colonização, a Literatura em Cordel – que ganhou esse nome pelo fato de os portugueses venderem seus folhetos em feiras e praças, pendurados em cordéis. O gênero teve maior expressão no interior do Nordeste e rendeu belas histórias nos relatos sobre a vida de Lampião e suas aventuras no cangaço. Toda forma de amor, lamento ou prece também podiam servir de motivação para poetas inspirados e com talento nato para narrar as dores e as alegrias da vida pitoresca do sertão. A Literatura de Cordel também é reconhecida como um gênero crítico e informativo. Ainda que de forma divertida e descompromissada, esses poetas itinerantes levavam ao povo das cidades, as notícias e reflexões que escreviam em versos e se responsabilizavam pela impressão, divulgação e venda dos próprios trabalhos. Com boa dose de humor e ironia, os cordelistas recitavam fatos históricos e políticos, e também os dramas da população a serem resolvidos com a astúcia dos personagens que criavam para protagonizar as narrativas.

Expediente

Informativo da Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências
CNPJ 04.233.816/0001-16

Diretoria da APLAC

Muna Yousef (Presidente), Tamara Naiz (Vice-Presidente), Bebetto Nunes (Secretário Geral), Bárbara Santiago (Diretora Financeira), Leticia Mourão (Diretora Cultural) e Ana Mago (Corregedora Estatutária Institucional)

Editor: Joésio Menezes

Redação: Coletiva

Revisão: Joésio Menezes

Diagramação: Antonio Júnior

Impressão: Gráfica Planaltina

Tiragem: 1000 exemplares

Contatos: aplacdf@gmail.com

Contato (98424.3347)

**Não nos responsabilizamos
por matérias assinadas**

Características marcantes:

As particularidades do estilo literário resultaram em algumas características interessantes na concepção e abordagem dos temas, que são tradicionalmente trabalhados não apenas em versos, mas também na arte da xilogravura – o entalhamento dos desenhos em prancha de madeira para ilustrar cada história. Com uma produção simples e impressão de baixo custo, o valor de venda dos cordéis nos mercados e feiras populares era acessível a um grande público. O cordel funcionou, portanto, como forma de disseminação de valores culturais regionais, promovendo o conhecimento popular e a sobrevivência de mitos, lendas e tradições folclóricas do nordeste brasileiro. Os textos românticos eram compostos de narrativas descritivas de personagens, súplicas e preces das figuras principais, sempre girando em torno de uma problemática carecendo da capacidade de solução que só um protagonista esperto e inteligente pudesse oferecer. Há sempre um casal com impedimentos de viver o grande amor pela proibição dos pais que, com poder sobre o destino dos filhos, promoviam noivados e casamentos arranjados pelos interesses financeiros e de posses. O personagem principal ao final se tornava o herói vitorioso com o apoio, a aprovação e admiração de todos. Mesmo que o cenário não o favorecesse, com inteligência peculiar, tratava de reverter qualquer situação desfavorável à sua felicidade.

Principais autores:

A Literatura de Cordel sempre teve grande apelo popular. Ainda hoje estimam-se mais de quatro mil cordelistas vivendo de suas composições, que versam sobre diferentes assuntos e acontecimentos. Elencamos alguns já bastante renomados por sua contribuição à arte:

- Antônio Gonçalves da Silva (Patativa do Assaré)
- Cuica de Santo Amaro;
- Firmino Teixeira do Amaral;
- Gonçalo Ferreira da Silva;
- Guaipuan Vieira;
- Homero do Rego Barros;
- João de Cristo Rei.
- João Martins de Athayde;
- José Alves Sobrinho;
- Leandro Gomes de Barros;
- Manoel Monteiro;
- Téo Azevedo.

Um dos personagens mais queridos da Literatura de Cordel é João Grilo. Trata-se de um anti-herói, de aparência frágil e tola, mas com grande astúcia e capaz de se desvencilhar das mais complexas enrascadas. Seleccionamos um trecho do poema de João Martins de Athayde intitulado "As Proezas de João Grilo", para apresentar o estilo de linguagem e as características do personagem: *João Grilo foi um cristão / Que nasceu antes do dia / Criou-se sem formosura / Mas tinha sabedoria / E morreu depois das horas / Pelas artes que fazia. [...] João Grilo chegou na corte / Cumprimentou o sultão / Disse: pronto, senhor Rei / (deu-lhe um aperto de mão) / Com calma e maneira doce / O sultão admirou-se / Da sua disposição.*

Formas de utilização da Literatura de Cordel em sala de aula:

Um conteúdo trabalhado de forma dinâmica e surpreendente pode configurar estratégia eficiente tanto na

construção do conhecimento como no aprimoramento do aprendizado. A didática tradicional, acusada de falta de interatividade e conexão pedagógica, pode se servir da simplicidade dos versos em cordel para aproximar os alunos de alguns temas. Encontrar o tom da participação do aluno em sala de aula é fundamental para que o professor consiga desenvolver a capacidade de absorção com reflexos satisfatórios no comportamento, aproveitamento e resultados. Ao levar os princípios da Literatura de Cordel para dentro da sala de aula, qualquer conteúdo poderá ser assimilado e descrito em versos pelos próprios alunos. O ritmo cadenciado, as métricas e as rimas do texto não apenas instigam a capacidade de criação como favorecem e memorização. Além disso, a leitura de cordéis já consagrados ajuda a resgatar a memória de fatos históricos que não se devem perder no tempo. Pode-se inicialmente introduzir a abordagem do gênero literário em disciplinas como Português, Literatura e Produção Textual, ampliando o conhecimento de mundo, o repertório cultural, a empatia e a criatividade textual. Posteriormente, é possível aplicá-lo às demais disciplinas (História, Geografia, Ciências), de forma a servir-se do estilo para o desenvolvimento e a assimilação de conteúdos. Para além do trabalho desenvolvido em sala de aula, é possível ainda promover eventos com apresentações culturais — teatro, dança, música, poesia — tendo como pano de fundo a Literatura de Cordel, oportuniza a participação da família para acompanhar o desempenho escolar dos seus filhos ao mesmo tempo em que fortalece os vínculos e aprendizados mútuos.

Benefícios para o aluno:

A Literatura de Cordel tem base na oralidade, e lançar o desafio para os alunos em sala de aula pode ajudar a desenvolver a inteligência, o senso crítico, a capacidade de oratória e a organização das ideias. Ao falar de amor, de enfrentamentos e desafios, cada aluno terá a oportunidade de se conectar com as emoções e desempenhar um papel diferente do qual está acostumado, percebendo as variações da existência humana e como é possível adaptar-se para ser bem-sucedido.

Por fim, a Literatura de Cordel, quando aplicada em sala de aula, pode restabelecer o contato com elementos populares de grande relevância para a formação cultural e histórica do país. Personagens, fatos e valores esquecidos com o passar do tempo, podem ser facilmente recuperados com o auxílio do cordel. Temas que poderiam passar despercebidos pela ausência de estudo e estímulo, podem vir a ser valorizados e recitados em voz alta pelos jovens.



LITERATURA PLANALTINENSE



Um dedo de prosa

REGRAS PARA A FELICIDADE: FAZER, AMAR E ESPERAR

(William Cesar de Andrade*)



O desejo de ser feliz move a cada um de nós!...

Tem os que acreditam no destino previamente definido...sina. Aqueles que usando a imaginação buscam na fantasia sua realização: simpatias, fórmulas mágicas, uma fonte da juventude e até amuletos. Quase sempre é sonho individual, egocêntrico ou partilhado com poucos.

Esqueça o cenário bucólico de "uma casa no campo", no Mercado felicidade equivale a poder de compra e riqueza.

Muito se debate, filosoficamente, sobre o que vem a ser a felicidade. Kant não a define, mas afirma conhecer as regras que lhe dão existência. Tudo começa buscando 'algo para fazer', colocar a mão na massa. Atitude proativa em torno do que se deseja, lançar-se operativamente. Não é possível ser feliz na ociosidade, a quietude vazia reflete só solidão. Felicidade é ser '*homo faber*', isto é, o/a construtor(a); aquele(a) que se vê no que realiza.

Contudo, o fazer permanecerá incompleto, sem alguém com o qual compartilhar. Assim, Kant sugere que é preciso ter 'algo/alguém para amar'. Não é a frieza da racionalidade que nos traz felicidade, no máximo ela é meio. O fazer é ponte, uma ligação entre o **eu** e o **outro** a quem amo. Amar é desdobrar-se, mover-se numa via de mão dupla. Ambos sujeitos, nunca objetos ou 'coisa'. Plenitude fugaz, mas reconstruída em cada atitude; quem ama, faz!

A felicidade, em Kant, não se esgota no existente, nem no aqui e agora. 'É algo por se esperar'. Verdadeiramente está no que pode vir a ser na realização parcial do que foi sonhado, fragmentos de um futuro almejado... Perpétuo movimento entre a vontade e a realização; desejo e construção compartilhados por toda uma existência. Não é como um instante perfeito que se desmancha no ar. Já reflete a plenitude possível de tudo que nos faz humanos.



Soltando os Versos

MEU ESPELHO

(Ana Mago, Cad. nº 48)

Meu espelho fala,
Me mostra bonita e feia,
Rude e delicada,
Fora de padrões;
Por vezes sem senso,
Sem pudor,
Sem nada,
Apenas eu...
Isso assusta muita gente,
Inclusive a mim, às vezes,
Mas isso não me preocupa.
Eu vivo.

RELÓGIO DE VENTO

(Silvano Colli, Cad. nº 7)

Houve um tempo
em que eu contava os dias
como quem conta moedas
esquecidas no bolso.

Depois descobri
que o tempo não mora
nos relógios.

Ele mora
na fumaça do café,
na janela aberta,
na canção que alguém deixou
pela metade.

Hoje, não conto mais os dias.

Deixo que eles me contem
quem fui,
quem sou
e quem ainda insiste
em nascer dentro de mim.



* William Cesar é professor da rede pública de ensino do DF (SEE/DF)

SOL DE QUINTAL

(Cristiane Grace, Cad. nº43)

A casa, aos poucos, vai abrindo as janelas,
Deixando o vento antigo circular...
O café saboroso fumaçando na xícara preferida
E um passarinho que voltou a cantar.

A dor, que antes era tempestade
Virou um rio calmo a deslizar.
Não foge mais, não queima, não agride;
É só uma saudade a me ninar.

Guardei teu riso frouxo na gaveta doce
Das coisas que o tempo não vai apagar
E sigo aqui, regando as minhas flores,
Sabendo que é preciso caminhar.

Há uma rua calma no meu peito,
Onde a lembrança já não me faz chorar,
Onde o afeto ganhou seu direito
De ser apenas luz a me guiar.

A vida volta a ter seu tempero,
O Sol da tarde vem me abraçar.
Estou bem agora... O coração sossega!
Amanhece de vez no meu lugar.

É SÓ SENTIR

(Claudynha Nô, Cad. nº 31)

Não é fuga o que o tempo me ensina
nem recuo diante do que há de vir
é um pouso da alma que se inclina
ao sopro do vento que deixa fluir

A semente nos versos não tem pressa
bebe do silêncio para então brotar
sabe que a vida cumpre sua promessa
quando o coração aprende a descansar

Cuidar do sentir com mãos serenas
sem fazer do destino um vão abrigo
vale o peso de todas as pequenas penas

Pois o amor, quando, enfim, se faz comigo
desarruma o lugar e amplia as cenas
e decide, em paz, morar comigo.

TECNOBREGA

(Luiz Felipe Vitelli, Cad. nº 53)

As tecnologias deveriam libertar,
Mas aprisionam.
Na parede,
Uma TV de plasma mágica;
Na mão, celular.
A visão e mente
Presas nas redes sociais.
Na janela do quarto, um axioma
De uma paisagem estrábica.
Nada a mais...



SOBRE APRENDER A AMAR

(Denner de Sousa, Cad. nº 22)

Amar...
O que é o amor?
Tenho o contento
De hoje o saber.
Amar não é perder-se,
É encontrar no outro
Uma extensão de si.
Sentir amor é ver-se
Profundamente,
Mar adentro
Do oceano alheio,
Mas seguro de onde está.
Amar é tornar-se artista
Ao colorir a própria alma
Com as cores de outrem,
Sem perder
O que já se tem;
É ver alegremente
A liberdade do ser amado,
Admirar-se,
Ao ver sua individualidade
Tornar-se especial
Em conjunto do outro.
Amar,
Reconheço agora,
É contemplar o pássaro
Em sua pura essência de voar,
É regozijar-se do voo,
É torcer pela decolagem mais alta,
Amar é deixar então livre
O ser que mais se quer ao lado,
Para que o aspirar deste
Ressoe-te como fonte de inspiração.

DIGA MEU NOME

(Rejane Araújo, Cad. nº 35)

A esquina soprou meu nome
aquele que não conto
aquele que em teus lábios
exala a *via crucis* – não direi qual

ou a outra, a do abismo
a mesma dos teus olhos

fui me perdendo entre o alho e a cebola
até que no meio do caminho
anus-pretos
cortaram com as asas
a cancela

lembrei-me do alho e da cebola
do feijão na caçarola
da fome
do Divino com asas abertas
voltei para a cozinha

o abismo tem um gosto
curtido pelo tempo

EDUCAÇÃO EM DEBATE

Inteligência artificial: riscos e benefícios em salas de aula

por Jenny Perossi*

Fonte: www.jornal.usp.br/atualidades



Foto: Cecília Bastos/USP Imagens

A inteligência artificial veio para ficar. Potentes ferramentas como o *ChatGPT*, *Midjourney* e a chinesa *DeepSeek* podem ser utilizadas para facilitar diversos processos do cotidiano e no mercado de trabalho, mas também para ensino e pesquisa. Diante da impossibilidade de frear o desenvolvimento ou o uso dessas ferramentas nas escolas, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) publicou um guia para uso de IA generativa no ensino e pesquisa.

O guia reúne informações sobre o funcionamento das IAs generativas, tanto de texto quanto de imagens, e também orientações para um uso que esteja em conformidade com os princípios da pedagogia atual. Rogério de Almeida, professor da Faculdade de Educação (FE) e coordenador do Laboratório Experimental de Arte-Educação & Cultura da USP, explica sobre a utilização de IAs em sala de aula.

Boa ou ruim?

Conforme explica Almeida, as inteligências artificiais não são, por si, boas ou ruins, são apenas ferramentas desenvolvidas com alta tecnologia. Mas o uso que é feito delas pode trazer aspectos positivos ou negativos: "Em termos dos problemas, já temos uma questão ética. Os textos têm uma autoria que é questionável, porque, de fato, não é a inteligência artificial que está produzindo. Ela se vale de dados produzidos por muitas pessoas e, muitas vezes, apaga, inclusive, a origem desses dados".

Outro problema surge com a distorção de informações e desinformação. Como o banco de dados utilizado pela inteligência artificial é retirado da internet e é muito amplo, não é possível filtrar quais informações são verídicas e quais não são, e muitas vezes as respostas contêm erros factuais e imprecisões. "Nós sabemos, pelos testes já feitos, que a IA produz muita distorção nas

informações. Tanto que teríamos que questionar se o nome mais adequado mesmo seria inteligência artificial; ela opera muito mais como uma comunicação artificial, como alguns autores têm mencionado, ou uma espécie de processamento textual, processamento sonoro, processamento visual, a partir de fontes que ela coleta na internet" afirma o professor.

Contudo, conforme explicita o guia da Unesco, a IA pode ser utilizada para um método de aprendizagem focado na interação humana e no aprendizado construtivo, aquele em que o aluno não reproduz passivamente o que é dado como tarefa, mas também desenvolve senso crítico e emancipatório. Rogério cita alguns exemplos de usos que podem ser aproveitados na sala de aula: "A IA consegue fazer, por exemplo, revisão de texto e apontar sugestões de melhorias. Ela trabalha bem quando você fornece os dados para ela. Ela consegue, por exemplo, elaborar questões a partir de um texto que você produziu, a partir de uma ideia que você tem. Mas ela não é oráculo".

Segurança de dados:

Outra preocupação importante em relação às IAs é a segurança de dados. Os dados de utilização são tanto utilizados para alimentar a máquina quanto também são coletados a cada vez que fazemos uma pergunta ao ChatGPT, por exemplo. Andressa Pellanda, doutora em Relações Internacionais pela USP, explica que essa é uma questão de soberania nacional: "Existem secretarias de educação da região Norte que sequer têm todos os dados das suas escolas, então, o próprio Estado não tem acesso suficiente a dados em relação a essas escolas. Imagina esses dados serem coletados e colocados à venda nas mãos de líderes globais", exemplifica Andressa.

Um dos líderes globais envolvidos fortemente com o desenvolvimento de inteligências artificiais é Elon Musk, chefe do Departamento de Eficiência Governamental dos Estados Unidos. Musk, que fez uma saudação nazista por ocasião da posse de Trump. A empresa de internet por satélite de Musk, chamada Starlink, pode estar envolvida em lobbies de contratação pública aqui no Brasil, por meio do programa Escolas Conectadas, conta Andressa Pellanda.

"Há um enviesamento dos processos de produção de dados nesse norte global, o que afronta uma questão básica de diversidade, de inclusão, e acaba gerando um processo de maior marginalização das populações e das culturas dos países do Sul global e das populações mais pobres, que já são historicamente mais marginalizadas", finaliza a professora.

*Sob supervisão de Cíndere Caldeira e Paulo Capuzzo

LITERATURA & ARTE

– Resenha –

"A Máquina do Caos", de Max Fisher, ajuda a compreender o radicalismo na internet

por Paulo Floro
Fonte: revistaogrito.com



Um lugar comum repetido por comentaristas e jornalistas nos últimos anos ao reportar crimes cometidos na internet é usar o bordão da internet como "terra de ninguém". O termo é reducionista, mas ilustra bem o sentimento que motiva praticamente todo plano de negócios no Vale do Silício: é preciso reformatar o mundo à imagem das empresas de tecnologia, da inovação e da liberdade, mesmo que isso esteja, em alguma medida, em desacordo com princípios da democracia. Uma crença de que "a sociedade é um problema de engenharia apenas à espera da solução" e não uma dialética

complexa baseada na política e na articulação social.

A Máquina do Caos, do repórter investigativo norte-americano e pesquisador Max Fisher apresenta os bastidores dos negócios bilionários das redes sociais. Em viagens para Sri Lanka, Mianmar, México, Alemanha e Brasil, Fisher contou como o discurso do ódio e o crescimento do extremismo no mundo está intrinsecamente ligado às estratégias de crescimento de plataformas como Twitter, Facebook, YouTube, Reddit e outras. O autor demonstra que as empresas sabiam que suas ferramentas se aproveitavam de vulnerabilidades psicológicas e que eram um estímulo a comportamentos nocivos.

Na "Terra de Ninguém" da internet, essas empresas se aproveitaram do afrouxo legislativo da maioria dos países em que atuaram e quase nunca eram responsabilizadas em relação ao que era propagado em suas páginas. Elas fizeram uso de tecnologias avançadas como o algoritmo do feed, que escolhia o conteúdo a ser exibido ao usuário, e com isso acabaram influenciando certo tipo de conteúdo em detrimento de outros.

Com o auxílio do trabalho de pesquisadores e delatores, Max Fisher comprovou que as empresas sabiam que essas tecnologias propagavam fake news, ampliavam o preconceito contra minorias e ajudavam a alavancar candidaturas de extrema direita. Como se sabe, a desinformação desenfreada e o discurso de ódio ajudaram a eleger candidatos de índole golpista como Jair Bolsonaro, no Brasil e Donald Trump (nos EUA).

O livro abrange diversos tópicos e é bastante eficaz ao dar contorno e relevo para as redes sociais, sempre imersas em uma aura de impessoalidade. Fisher dá nome e descrição das pessoas que trabalham nas plataformas, de pequenos engenheiros aos executivos. E como bom repórter, ele também deu espaço às histórias humanas de pessoas que foram diretamente atingidas pelas decisões das redes sociais.

A Máquina do Caos pelo mundo:

Chega a ser difícil ler os relatos de sobreviventes do genocídio em Mianmar, um caso que ficou conhecido por ter sido impulsionado a partir do Facebook. Em 2012, a violência eclodiu entre a maioria budista e a minoria muçulmana *Rohingya*, no estado de *Rakhine*. Um monge extremista e antimuçulmano, *Ashin Wirathu*, compartilhou uma postagem mentirosa no Facebook afirmando que uma menina budista havia sido estuprada por homens muçulmanos. A

mensagem viralizou e se materializou em uma série de atos violentos que culminaram com a morte de 25 mil pessoas e mais de 700 mil refugiados, segundo a ONU.

A Máquina do Caos relata também como a desinformação levou a assassinatos no Sri Lanka, quando um boato no Facebook afirmava que turistas estariam sequestrando crianças para tráfico de órgãos. Aqui no Brasil, Fisher investigou a influência das redes para o crescimento da extrema-direita no Brasil e a ascensão de um candidato antidemocrático como Jair Bolsonaro. Mas conta também histórias humanas, como o caso de Christine, cujo um vídeo da filha de apenas 10 anos no YouTube acabou sendo oferecido no algoritmo da plataforma como conteúdo de crianças seminuas.

Max Fisher mostra em seu livro que o engajamento e o tempo passado nas redes são altamente lucrativos para as redes, o que leva às diferentes estratégias para aperfeiçoar o algoritmo de seleção de conteúdo. Diferentes estudos mostraram que esses algoritmos, na maior parte do tempo, promovem sistematicamente ideias e teorias da conspiração que se alinham às ideias extremistas e antidemocráticas.

Eles se aproveitam de um sofisticado conhecimento da natureza humana, em que sentimentos de indignação, curiosidade, ódio e medo geram mais e mais engajamento. É o que Fisher chamou de "Teoria da Toca do Coelho": quanto mais conteúdo violento, extremo e que propague o ódio o usuário consome, mais as redes os oferecem.

O lançamento do livro no Brasil chegou em um momento oportuno com a discussão da regulação das redes sociais com o PL 2630, conhecido como PL das Fake News. O projeto de lei busca trazer mais transparência para a moderação de conteúdo, funcionamento dos algoritmos, mas traz uma mudança de paradigma da relação das sociedades com as mídias digitais que é incutir a responsabilização pelo conteúdo trafegado, o que acabaria com a tal "terra de ninguém" falada na abertura desse texto.

"Discussões no Vale do Silício a respeito de como usar seu poder – submeter-se mais ou menos aos governos, enfatizar neutralidade ou assistência social, consistência ou flexibilidade – raramente levavam em conta a possibilidade de que elas não deviam ter poder algum", diz Fisher.

Em maio de 2021, uma funcionária do Facebook que trabalhava na equipe de combate à desinformação, *Frances Haugen*, copiou milhares de relatórios internos e os enviou para o jornal *Wall Street Journal*. Neles, ela comprovava que a empresa estava ciente dos males causados pela desinformação, muitas ligadas às vacinas, mas as negligenciava. Os documentos acabaram chegando a uma comissão do Senado americano, onde a funcionária depôs, se insurgindo contra o algoritmo. "Podemos ter mídias sociais que curtimos, que nos conectam, sem rasgar nossa democracia ao meio, sem colocar nossos filhos em risco e sem semear a violência étnica mundo afora", disse.

Max Fisher sugere que os governos precisam pautar o tema da responsabilização, buscar soluções, tomar as rédeas, enfim. Além da regulação a partir de leis criadas ao redor do mundo ele afirma que a solução passa pelo fim da classificação do conteúdo baseada no engajamento. "Quanto mais tempo alguém passa estudando as plataformas, seja qual for sua área, o mais provável é que chegue à resposta de Haugen: desligue [o algoritmo]".

* Max Fisher é um renomado jornalista investigativo e escritor norte-americano, conhecido por seu trabalho no *The New York Times*. Ele ganhou destaque internacional como autor do livro "A Máquina do Caos", que investiga como os algoritmos das redes sociais impactam negativamente o comportamento humano, a política e a sociedade, sendo finalista do **Prêmio Pulitzer** em 2019.

NOTÍCIAS DA APLAC

Nova Diretoria da APLAC promove o 40º Sarau LABUTA com Solenidade de Posse de Novos Acadêmicos



FOTOS: Roger Peixoto

Na noite daquele 23 de abril do ano em curso, dezenas de convidadas/os dirigiram-se ao auditório da Coordenação Regional de Ensino de Planaltina para prestigiarem o **40º Sarau LABUTA** (com Solenidade de Posse de Novos Acadêmicos), produzido, organizado e promovido pela APLAC (Academia Planaltinense de Letras, Artes e Ciências) e celebrarem conosco a força da palavra, da música e das expressões artísticas e culturais da nossa cidade; e lá chegando, foram recepcionadas/os, logo no *hall* de entrada da Regional de Ensino, com uma belíssima **Exposição Artística** de Severina Gonçalves (homenagem póstuma) e, já no interior do auditório, com a maravilhosa música do clarinetista mestredar-mense **Otaviano Guimarães**, cujo repertório conduzia a plateia a uma saudosa viagem pelo tempo, tempo este em que as músicas eram de excelente qualidade.

Já passava das 19 horas e 30 minutos quando **Letícia Mourão**, cerimonialista do evento, pegou o microfone e deu as boas-vindas a todas/os as/os presentes, que àquela altura já se encontravam em estado de êxtase com a música de Otaviano Guimarães.

Após suas palavras de boas-vindas, a cerimonialista chamou ao palco **Muna Yousef** (presidenta da APLAC), que agradeceu a presença de todas/as e declarou abertos os trabalhos da noite, convidando-os a ficarem até o final, pois muita coisa boa ainda estaria por vir. Em seguida, Letícia Mourão chamou ao palco o confrade **Xiko Mendes** (Membro Fundador e autor da Ata de Fundação, do Estatuto Social e do Regimento Interno da APLAC), que fez um breve histórico sobre o surgimento das Academias de Letras, que teve início lá em 1635, com a criação da Academia Francesa, fundada pelo Cardeal *Richelieu*. Em seguida, a convite da cerimonialista, a confrreira **Ana Mago** subiu ao palco para fazer (por meio de um cordel de sua autoria) a apresentação dos empossandos **Denner Agostinho**, **Gê Vítor**, **Geraldo Lima**, **Iolly Aires**, **Jeizon Jemerson**, **Jucelino de Sales**, **Marli Dias**, **Pai Aurélio** e **Rejane Araújo**, que foram diplomados MEMBROS EFETIVOS da APLAC.

Ao término das assinaturas do Termo de Posse, Otaviano Guimarães voltou ao palco e prosseguiu com sua refinadíssima seleção musical. Ao final da sua apresentação, Otaviano cedeu o palco para o cantor e compositor planaltinense **Gilson Sena**, que, numa belíssima performance de voz e violão, brindou o público

com mais música de excelente qualidade, em cujo repertório continha canções autorais e grandes clássicos da MPB.

Encerradas as apresentações musicais, a cerimonialista Letícia Mourão encaminhou todas/os para o estacionamento interno da Regional de Ensino, onde seria dado prosseguimento ao restante da programação do 40º Sarau LABUTA, que contou com uma performance de **dança circular** (coordenada pelo confrade Marcos Freire) e apresentações dos **Tambores do Amanhecer** (sob a regência do Mestre Daniel Pernambuco) e do **Grupo Omó Ayó**.

Para finalizar aquele momento de júbilo, a organização do evento serviu um singelo coquetel, ocasião em que todos (organizadores, artistas, empossados e convidados) puderam se confraternizar naquela NOITE MEMORÁVEL, em que foram celebrados a Cultura, os artistas da nossa cidade e a potência do Sarau LABUTA, que, em sua 40ª edição, recebeu de BRAÇOS ABERTOS os mais novos associados da APLAC.

Oportunamente, a Diretoria da APLAC agradece a todas/os que participaram - direta ou indiretamente - do planejamento, organização e realização do 40º Sarau LABUTA, em especial aos nossos parceiros culturais: *Anderson Rogê* (responsável pelo Som) e seus auxiliares, à *Coordenação Regional de Ensino de Planaltina*, à *Cultura FM* (aqui representada pelo confrade *Eduardo Durães*) e ao *Instituto Cerratense*, patrocinador do coquetel.

